AUTISMO: INCLUSÃO EM ESCOLAS PÚBLICAS

CILENE ROSA GUEDES DOS SANTOS

RESUMO
A inclusão de alunos autistas na educação é um tema de grande relevância e um grande desafio para a sociedade atual. Garantir uma educação inclusiva é um direito fundamental, e é necessário enfrentar as dificuldades e buscar caminhos que promovam uma educação de qualidade para todos. A conscientização e o conhecimento sobre o autismo são fundamentais para que as instituições de ensino possam criar ambientes acolhedores e oferecer recursos e suportes adequados. Também é fundamental que haja uma colaboração assertiva entre a escola e as famílias, para que o aluno se sinta acolhido e se desenvolva em todos os âmbitos. Destaca-se a importância de promover a inclusão dos alunos autistas na educação, reconhecendo suas habilidades e necessidades individuais, e buscando o fortalecimento de uma educação inclusiva e igualitária.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão, Autismo, Educação, Dificuldades.

ABSTRACT:
The inclusion of autistic students in education is a highly relevant topic and a major challenge for today's society. Ensuring inclusive education is a fundamental right, and it is necessary to face difficulties and seek ways to promote quality education for all. Awareness and knowledge about autism are essential for educational institutions to be able to create welcoming environments and offer adequate resources and support. It is also essential that there is assertive collaboration between schools and families, so that students feel welcomed and develop in all areas. The importance of promoting the inclusion of autistic students in education is highlighted, recognizing their individual abilities and needs, and seeking to strengthen an inclusive and egalitarian education.

KEYWORDS: Inclusion, Autism, Education, Difficulties, Strategies.

INTRODUÇÃO

A educação inclusiva é uma pauta bastante debatida na atualidade e traz consigo inúmeras problemáticas e diferentes propostas com o objetivo de tornar - na prática - o ambiente escolar, um local que não apenas acolhe, mas detém dos recursos suficientes para receber aos indivíduos que possuem alguma deficiência intelectual.

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (nº 13.146/2015), a Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9.394/1996) e, em São Paulo, na Lei Estadual nº 16.925/2019, prevê a garantia dos direitos e a inclusão do aluno com deficiência. Contudo o cenário atual da maioria das escolas aponta na direção contrária, com a ausência de profissionais formados e capacitados para o apoio e desenvolvimento desses indivíduos, bem como o descaso no que diz respeito à estrutura adequada para recebê-los.

Nesse artigo trataremos especificamente sobre o TEA (Transtorno do Espectro autista), mais conhecido como autismo, tal qual é caracterizado como transtorno do desenvolvimento que afeta a comunicação, o comportamento e as interações sociais. Dentro do espectro existem diferentes manifestações com suas especificidades, podendo cada uma apresentar variadas ramificações. Os alunos autistas possuem particularidades que podem dificultar o aprendizado em um ambiente escolar convencional, exigindo atenção especial e recursos específicos para atender às suas necessidades.

Frente a esse contexto, abordaremos a importância da difusão do conhecimento sobre o tema, bem como, as práticas educacionais eficazes para promover a inclusão dessas crianças na escola. Além disso, exploraremos as barreiras enfrentadas pelos educadores e pais na busca da educação inclusiva para crianças autistas e como superá-las.

Em última análise, o objetivo é propor uma reflexão sobre as inquietantes questões que envolvem as evidentes lacunas dentro da educação brasileira, e propor alternativas

para valorização, respeito à diversidade e educação que pode mudar o mundo.

A metodologia escolhida para a obtenção dos dados foi uma pesquisa exploratória qualitativa, que permite explorar e compreender o significado atribuído ao tema, buscando a melhor compreensão do tema apresentado. Para melhor definir e detalhar, foi necessário a leitura e estudo de artigos acadêmicos, livros e até mesmo as leis que esmiúçam o assunto, dentre eles, A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (nº 13.146/2015), a Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9.394/1996) e a Lei Estadual nº 16.925/2019 que estabelecem o direito à educação inclusiva e à acessibilidade para as pessoas com deficiência, incluindo o autismo. A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Dutra et al., 2008) é uma referência importante para o planejamento e implementação de estratégias de inclusão educacional para alunos com autismo. A política destaca a importância de práticas pedagógicas inclusivas, do uso de tecnologias assistivas e de estratégias de suporte individualizado para garantir a igualdade de oportunidades e o acesso à educação para todos os alunos.

Para uma educação inclusiva efetiva, é importante compreender as características e necessidades específicas dos alunos com autismo. A obra de Kanner (1943) é um marco na história do entendimento do autismo, e a definição de autismo evoluiu ao longo do tempo. Miller et al. (2007) discutem a relação entre as dificuldades sensoriais e a comunicação e comportamento dos indivíduos com autismo, enquanto Bosa (2002) apresenta uma revisão sobre as diferentes interpretações do autismo ao longo da história.

Baron-Cohen et al. (1985) propuseram a teoria da mente, que sugere que os indivíduos com autismo têm dificuldade em compreender as intenções e emoções dos outros. Esse conceito tem sido importante para o desenvolvimento de intervenções educacionais. Muitas outras leituras foram feitas, para fundamentar uma análise aprofundada, contendo ao final deste artigo todas as referências utilizadas.

Além destes, foram pesquisados artigos por meio de plataformas de busca, como o Google Scholar, por exemplo.

Introdução Ao Autismo: Conceitos E Definições;

Segundo o DSM-V (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição), o autismo é caracterizado pela presença de déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, bem como por padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. O transtorno do espectro autista (TEA) é uma condição que abrange diversas manifestações e níveis de gravidade do autismo (APA, 2013). Mello (2007, p. 16) descreve o autismo como um distúrbio do desenvolvimento que se caracteriza por alterações presentes desde idade muito precoce, tipicamente antes dos três anos de idade, com impacto múltiplo e variável em áreas nobres do desenvolvimento humano como as áreas de comunicação, interação social, aprendizado e capacidade de adaptação.

Kanner (1943), em um dos primeiros relatos sobre o autismo, descreveu a condição como um distúrbio do contato afetivo, com uma completa ausência de interação social e comunicação. Desde então, a compreensão do autismo evoluiu significativamente, sendo que, atualmente, entende-se que a condição é influenciada por diversos fatores, incluindo fatores genéticos, biológicos e ambientais (Baio et al., 2018).

Há diversas teorias que buscam explicar os mecanismos subjacentes ao autismo. Uma das mais conhecidas é a teoria da mente, proposta por Baron-Cohen et al. (1985), que postula que as pessoas com autismo têm dificuldade em compreender as emoções e intenções de outras pessoas. Outra teoria é a hipótese da integração sensorial, que sugere que os indivíduos com autismo apresentam dificuldades em integrar adequadamente informações sensoriais (Miller et al., 2007).

Apesar dos avanços na compreensão do autismo, ainda há muito a ser descoberto sobre a condição. Diversas pesquisas buscam investigar e desenvolver tratamentos mais efetivos para a condição. É fundamental que a sociedade como um todo trabalhe para entender e apoiar essas pessoas, garantindo-lhes os direitos e oportunidades necessá-

rias para uma vida plena e inclusiva.

DAS DIFICULDADES E DA NECESSIDADE DE ADAPTAÇÃO

Assim, como visto no tópico anterior, ainda há muita pesquisa a ser realizada para que a inclusão real dos alunos portadores de espectro autista, seja feita. Logo, a inclusão escolar de alunos com autismo exige um olhar atento e especializado por parte dos educadores de apoio e professores que atuam em sala de aula. Pois, como dito, apesar dos avanços na compreensão do autismo, ainda há muito a ser descoberto sobre a condição. Afinal, cada aluno com autismo tem suas particularidades e demandas específicas que precisam ser atendidas de maneira personalizada para que o processo de ensino e aprendizagem seja efetivo e inclusivo.

Por consequência, a capacitação e especialização dos educadores de apoio e professores é fundamental para garantir a inclusão e o sucesso desses alunos na escola. A formação específica em autismo deve incluir conceitos básicos sobre o transtorno, as principais características dos alunos com
autismo e as estratégias pedagógicas mais eficazes para atender às suas necessidades.

Os educadores de apoio e professores que se especializam em autismo podem contribuir de forma significativa para o desenvolvimento dos alunos com autismo. A especialização permite aos educadores de apoio e professores entenderem melhor as particularidades e as dificuldades desses alunos, bem como as possibilidades de estimulação e aprendizagem.

A capacitação em autismo pode ser feita por meio de cursos de formação continuada, pós-graduação ou outros tipos de capacitação. Além disso, é importante que os educadores de apoio e professores tenham acesso a materiais didáticos e recursos tecnológicos que possam auxiliá-los no processo de ensino e aprendizagem dos alunos com autismo, e assim, para que a especialização em autismo não se limite apenas a um aprimoramento técnico e metodológico. Ela também envolve uma postura mais empática e acolhedora por parte dos educadores de apoio e professores, que devem estar preparados para lidar com as emoções e as necessidades específicas dos alunos com autismo.

Outro ponto importante é que a especialização em autismo deve ser encarada como um processo contínuo, já que o conhecimento sobre o transtorno, e as suas diferentes manifestações, está em constante evolução. Os educadores de apoio e professores devem estar sempre atualizados e dispostos a aprender e a se atualizar para atender às necessidades dos alunos com autismo.

Para as escolas, a capacitação e especialização dos educadores de apoio e professores em autismo deve ser encarada como um investimento importante para garantir a inclusão e o sucesso dos alunos com autismo na escola. Além disso, é fundamental que as escolas ofereçam suporte e recursos para que os educadores de apoio e professores possam aplicar o conhecimento adquirido em sua formação. Deste modo, para que possa haver uma real adaptação dos alunos ao sistema educacional, é necessário haver uma real inclusão destes em sala de aula, não com uma única “fórmula mágica”, mas respondendo à realidade presente, como emoções conflitantes, por exemplo.

Educação e Inclusão

A inclusão de alunos autistas na educação regular é um desafio que requer uma abordagem multidisciplinar. Segundo Fava (2019), a inclusão de alunos autistas na educação deve ser baseada em uma abordagem centrada no aluno, na qual a escola deve estar preparada para atender às necessidades específicas de cada aluno, levando em conta suas características e necessidades individuais. Isso pode incluir a adoção de estratégias pedagógicas específicas, como o uso de imagens e recursos visuais, a repetição de informações importantes e a redução de estímulos que possam distrair ou sobrecarregar o aluno. De maneira geral, no entanto, os alunos com autismo geralmente precisam de um ambiente de aprendizagem estruturado, previsível e visualmente organizado. Eles podem se beneficiar de rotinas claras, horários e instruções consistentes.

Além disso, os alunos autistas podem precisar de suporte adicional na comunicação e interação social, incluindo a possibilidade de uso de recursos de comunicação alternativa e ampliada, como sistemas de comunicação

por imagem ou tecnologias assistivas. Os professores e educadores também devem estar cientes das sensibilidades sensoriais dos alunos autistas e trabalhar para criar um ambiente de aprendizagem confortável, minimizando estímulos excessivos, como ruídos altos ou luzes fortes.

Os alunos autistas também podem se beneficiar de atividades e instruções que os ajudem a desenvolver habilidades sociais, como a compreensão de emoções e a interação com os outros. A inclusão em atividades extracurriculares e grupos de interesse pode ajudar a promover a socialização e o envolvimento com a comunidade escolar.

As definições do público-alvo devem ser contextualizadas e não se esgotam na mera categorização e especificações atribuídas a um quadro de deficiência, transtornos, distúrbios e aptidões. Considera-se que as pessoas se modificam continuamente transformando o contexto no qual se inserem. Esse dinamismo exige uma atuação pedagógica voltada para alterar a situação de exclusão, enfatizando a importância de ambientes heterogêneos que promovam a aprendizagem de todos os alunos (DUTRA et al., 2008, p. 15).

Segundo Ferreira (2018), a inclusão de alunos autistas na educação regular deve ser baseada em três pilares: adaptações curriculares, metodologias e estratégias pedagógicas adequadas e a formação dos profissionais envolvidos.

Os sistemas de ensino devem organizar as condições de acesso aos espaços, aos recursos pedagógicos e a comunicação que favoreçam a promoção da aprendizagem e a valorização das diferenças, de forma a atender as necessidades educacionais de todos os alunos (BRASIL, 2010, p. 24).

É fundamental que haja uma parceria efetiva entre a escola e a família dos alunos com autismo, para garantir que haja uma comunicação constante e uma compreensão mútua das necessidades do aluno. Os pais e responsáveis também podem colaborar com a escola, compartilhando informações sobre o histórico médico do aluno, por exemplo, e auxiliando na elaboração de um plano de intervenção personalizado.

A colaboração entre os profissionais da educação, como os professores, psicólogos, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais, é essencial para o sucesso da inclusão de alunos autistas na educação regular. Essa abordagem multidisciplinar permite uma visão abrangente das necessidades do aluno, garantindo que as estratégias e intervenções sejam adaptadas de acordo com suas especificidades.

É importante ressaltar que a inclusão de alunos autistas na educação regular não se trata apenas de garantir acesso físico à escola, mas também de promover uma participação ativa e significativa no processo de ensino e aprendizagem. Para isso, é necessário fornecer suportes adequados, tanto na sala de aula como em outros contextos escolares.

Um dos desafios enfrentados pelos educadores nesse processo é a falta de conhecimento e formação sobre o autismo. Para superar essa lacuna, é fundamental investir em capacitação e atualização dos profissionais da educação, proporcionando-lhes informações atualizadas sobre o autismo, estratégias de ensino, manejo de comportamentos desafiadores e formas de promover a inclusão e interação social dos alunos autistas.

Além disso, é importante fomentar a conscientização e a sensibilização de toda a comunidade escolar, incluindo os demais alunos, para que haja compreensão e respeito em relação às diferenças. A criação de um ambiente acolhedor e inclusivo, livre de estigmatização e preconceito, é essencial para que os alunos autistas se sintam integrados e valorizados, mas também é válido ressaltar que a inclusão de alunos autistas na educação regular não é uma abordagem única para todos os alunos. Cada aluno possui características e necessidades individuais, e é importante adaptar as estratégias e intervenções de acordo com essas especificidades. A flexibilidade e a personalização são essenciais para garantir o sucesso da inclusão e o desenvolvimento pleno de cada aluno autista.

O papel dos pais nesse processo é essencial, comunicando com a escola, as necessidades e peculiaridades que cada aluno portador de

espectro autista tem, para que a escola possa também se adaptar de um modo melhor para que esse aluno seja incluído de modo assertivo.
Portanto, a inclusão de alunos autistas na educação regular é um desafio que requer uma abordagem multidisciplinar, com a colaboração entre os profissionais da educação e o apoio de toda a comunidade escolar. É necessário promover a formação dos educadores, a conscientização da comunidade e a adaptação das práticas pedagógicas, garantindo a individualização e personalização das intervenções para atender às necessidades específicas de cada aluno autista. A inclusão efetiva e significativa desses alunos na escola.
A inclusão na educação não deve ser vista como um processo isolado. É necessário que haja uma mudança cultural e social, para que a sociedade como um todo entenda a importância da inclusão e trabalhe para tornar as escolas e a sociedade mais inclusivas. Somente assim poderemos garantir que todos os alunos, independentemente de suas características individuais, tenham acesso a uma educação de qualidade.

Compreender o autismo é abrir caminhos para o entendimento do nosso desenvolvimento. Estudar autismo é ter nas mãos um "laboratório natural" de onde se vislumbra o impacto da privação das relações recíprocas desde cedo na vida. Conviver com o autismo é abdicar de uma só forma de ver o mundo - aquela que nos foi oportunizada desde a infância. É pensar de formas múltiplas e alternativas sem, contudo, perder o compromisso com a ciência (e a consciência!) – com a ética. É percorrer caminhos nem sempre equipados com um mapa nas mãos, é falar e ouvir uma linguagem, é criar oportunidades de troca e espaço para o nosso saber e ignorância [...] (BOSA, 2002, p. 13).

METODOLOGIAS APLICAVÉIS PARA CRIANÇAS AUTISTA
Existem algumas metodologias que podem ser utilizadas pelos educadores, com o objetivo de obter sucesso no sistema de aprendizagem de crianças autistas. Dentre as estratégias que vêm sendo estudadas e desenvolvidas, podemos destacar duas, que tem sido usada por escolas ao redor do mundo:
Prompt:
É uma técnica muito simples que consiste no acompanhamento da aquisição da fala através da repetição das palavras, em que o intermediador irá associar as palavras às imagens, para facilitar o processamento das informações. Com paciência na condução das atividades, o professor irá mediar a absorção do conhecimento e estimular que o aluno se torne protagonista do seu próprio conhecimento. Como descreve no trecho abaixo:

O objetivo principal dessa metodologia é ensinar comportamentos e habilidades aos indivíduos com dificuldades para que eles se tornem independentes e inseridos na comunidade. Para que isso seja possível, os profissionais utilizam técnicas para o desenvolvimento da comunicação, das habilidades sociais, de brincadeira, acadêmicas e de autocuidados (...). O Prompt faz parte da técnica comportamental e tem o objetivo de ajudar a criança a emitir as respostas corretas. A ajuda deve ser dada de acordo com o nível de independência que a criança apresenta. Ela pode ser oferecida imediatamente após a instrução, durante a resposta da criança e depois de uma resposta incorreta (Figueiredo, 2014, p. 48 e 55).

Essa atividade também estimula o exercício da oralidade, e das funções necessárias para as interações sociais, como a emissão de opiniões e interpretação do contexto.
É interessante também que o educador adote uma rotina fixa, para que seja previsível, e o máximo organizada possível, já que mudanças acabam se tornando gatilhos para as pessoas dentro do espectro autista. Além disso, o que também pode ajudar é a personalização de objetos que ajudem na autorregulação do aluno em crise, como brinquedos sensoriais que ajudam a distrair e acalmar. Podem também ser utilizados recursos visuais juntamente com as orientações e uma organização de acordo com o perfil da criança. No cumprimento dessas atividades é in-

dispensável o respeito às características individuais, privilegiando o afeto, a mediação paciente e a linguagem objetiva, encorajando o pensamento lógico e criativo.

A IMPORTANCIA DA CAPACITAÇÃO DE EDUCADORES DE APOIO

A capacitação de educadores de apoio é uma das medidas essenciais para garantir a inclusão escolar de alunos autistas. A presença de um educador capacitado e sensível às necessidades dos alunos autistas pode fazer toda a diferença para o sucesso da inclusão escolar. Segundo Farias (2019), a capacitação dos educadores pode permitir que eles identifiquem as necessidades específicas de cada aluno autista, adaptem o currículo e a metodologia de ensino, e desenvolvam estratégias de ensino que atendam às necessidades individuais desses alunos.

A formação dos profissionais da educação possibilitará a construção de conhecimento para práticas educacionais que propiciem o desenvolvimento sócio cognitivo dos estudantes com transtorno do espectro autista. (NOTA TÉCNICA N° 24 /2013 /MEC /SECADI / DPEE).

Entre as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos autistas na escola, destacam-se as dificuldades de comunicação, socialização e adaptação às rotinas e atividades escolares. Muitos alunos autistas têm dificuldades em se comunicar verbalmente e em compreender as nuances da comunicação social. Além disso, eles podem ter dificuldades em estabelecer e manter relações sociais com os colegas e professores, o que pode afetar seu desempenho escolar e sua autoestima.

Outra dificuldade enfrentada pelos alunos autistas é a adaptação às rotinas e atividades escolares. Segundo Cunha et al. (2018), muitos alunos autistas têm dificuldades em lidar com mudanças na rotina e em se adaptar a novas atividades. A capacitação de educadores de apoio pode contribuir para superar essas dificuldades enfrentadas pelos alunos autistas. Segundo Barreto et al. (2021), a capacitação dos educadores pode incluir treinamento em estratégias de comunicação alternativa e aumentativa, em habilidades sociais e em estratégias de adaptação do ambiente escolar. Além disso, os educadores podem aprender a trabalhar em parceria com a família e com profissionais de saúde para garantir o melhor atendimento aos alunos autistas.

Em resumo, a capacitação de educadores é uma medida importante para garantir a inclusão escolar de alunos autistas. O conhecimento sobre o assunto facilita as melhores práticas e uma inclusão efetiva. Para tanto os docentes precisam estar dispostos a aprender e ressignificar seu modo de ensino para que todas as crianças possam usufruir dos benefícios duradouros da aprendizagem.

PARCERIA ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA: COMPARTILHANDO INFORMAÇÕES E ESTABELECENDO METAS

Como visto em tópicos anteriores, a colaboração entre a escola e a família é fundamental para entender as necessidades específicas de cada criança autista. Neste tópico, será explorada mais a fundo a importância de tal colaboração. A família possui um conhecimento profundo sobre seu filho, suas preferências, habilidades e desafios. Compartilhar essas informações com a escola é crucial para que os educadores possam planejar estratégias de ensino adequadas e adaptadas às necessidades individuais de cada aluno.

Da mesma forma, a escola também deve compartilhar informações relevantes com a família. Isso inclui relatórios de progresso, avaliações e observações feitas pelos profissionais da educação. Essa troca de informações ajuda a manter uma comunicação aberta e transparente entre todas as partes envolvidas, permitindo que tomem decisões informadas e trabalhem juntas em benefício do aluno.

Além disso, a parceria entre a escola e a família permite estabelecer metas educacionais realistas e significativas. Ao trabalhar juntos, pais e educadores podem identificar objetivos específicos que sejam relevantes para o desenvolvimento do aluno autista. Ambas as partes devem ter voz ativa nesse processo, compartilhando perspectivas e experiências que possam contribuir para a definição de metas relevantes. Dessa forma, a criança recebe suporte consistente tanto em casa quanto na escola, impulsionando

seu crescimento e sucesso.
Essas metas podem abranger diversas áreas, como habilidades acadêmicas, habilidades sociais, autonomia e comunicação. A definição conjunta de metas auxilia no alinhamento de esforços e na criação de um plano de intervenção consistente.
A parceria entre a escola e a família não deve se limitar apenas ao planejamento inicial, mas deve se estender ao longo do processo de inclusão. Isso envolve o apoio contínuo para garantir que as estratégias, cuidados e intervenções sejam consistentes em todos os ambientes em que a criança está inserida. A comunicação regular entre a escola e a família é essencial para que ambos possam acompanhar as atualizações, ajustar abordagens e resolver desafios que possam surgir. Essa colaboração contínua ajuda a monitorar o progresso da criança, identificar áreas que requerem maior atenção e adaptar as estratégias conforme necessário. Ao trabalhar juntos, escola e família, promovem maior aproveitamento das técnicas desenvolvidas em sala de aula, e para que os familiares possam testemunhar os avanços e contribuir para as melhorias.

PERSPECTIVAS FUTURAS: AVANÇOS E DESAFIOS PARA A INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS AUTISTAS;
A inclusão escolar de alunos autistas é uma área em constante evolução, que demanda um olhar atento aos avanços e desafios que se apresentam. Segundo Mello e cols. (2020), "é importante compreender que a educação inclusiva não é apenas sobre a matrícula em escolas regulares, mas também sobre a promoção de uma cultura de inclusão que valorize a diversidade e respeite as particularidades de cada aluno".
Porém, além da capacitação de profissionais, é necessário avançar no desenvolvimento de tecnologias e recursos que possam auxiliar no processo de inclusão escolar. Segundo Kavathatzopoulos e Biniari (2020), "a tecnologia pode desempenhar um papel importante na promoção da inclusão escolar de alunos autistas, desde recursos que facilitem a comunicação até jogos e atividades que estimulem o desenvolvimento social e emocional". Outro aspecto a ser explorado é o preconceito e a falta de compreensão por parte da sociedade em geral. De acordo com Oliveira e Vasconcelos (2017):
" A conscientização e a sensibilização da sociedade são fundamentais para que a inclusão escolar de alunos autistas seja uma realidade, garantindo que esses alunos sejam aceitos e respeitados em todas as esferas da vida social".
Hoje com os avanços tecnológicos que possuímos já existem, já podemos contar com diferentes atividades que estimulam a interação, a socialização e a alfabetização. A tecnologia assistida dispõe de hardwares, softwares, hipermídias, hipertextos e uso da internet nos diferentes aparelhos eletrônicos. Atividades com jogos são recursos pedagógicos que podem promover uma aprendizagem mais dinâmica e divertida, facilitando a comunicação e interpretação, dentre os aplicativos que cumprem essa função podemos citar o Scala que é um aplicativo que auxilia no desenvolvimento da comunicação, possuindo narrativas visuais, gravação de áudio e alteração de imagens para criação de histórias. Outro programa que também incentiva a socialização é o Software Aproximar que funciona por meio da exibição de vídeos com a descrição de gestos para a repetição, possibilitando que o indivíduo visualize a si mesmo repetindo o movimento na tela, bem como também possui vídeos motivacionais.
Na realidade, o uso de jogos e tecnologias já tem se mostrado uma efetiva fonte de recurso - especialmente em crianças com TOD - Transtorno do Opositor Desafiador, por exemplo. No caso específico desta manifestação, o aluno neuro divergente desafiador necessita ainda mais do apoio escola-família. Como diz Danielle Silva (2022):
O uso de técnicas de jogos, com mecanismos de resposta, tem sido grandemente utilizado para alunos com tal transtorno. Em artigo do portal de educação e saúde JFlowersHealth, é citado o chamado “treinamento de neuro feedback”, uma nova técnica promissora cujo treinamento busca desenvolver de modo científico e neurológico o tratamento de diversas neuro atipicidades. Por meio de uma espécie de resposta visual a um estímulo, o paciente responde de maneira positiva

ou negativa, escolhendo respostas certas que irão lhe gerar mais foco, tudo isso enquanto suas ondas cerebrais são monitoradas, para que os jogos ali feitos ajudem em seu tratamento. Tal prática pode gerar de modo muito positivo impactos no campo do Transtorno do Opositor-Desafiador, bem como do autismo de forma geral, para o desenvolvimento das funções executivas tanto em casa como em escala de aula, como é o tema deste artigo.

O tratamento de neuro feedback tem efeitos positivos na modulação cerebral e potencialmente não parece trazer nenhum tipo de prejuízo ao portador de autismo. Contudo, por ser um tratamento novo, a impossibilidade do uso da técnica é ainda grande. Isso pois dois grandes impedimentos travam o desenvolvimento desta atividade. Sendo eles o preço (ainda extremamente alto no Brasil) e o período de tratamento (que pode incluir de 40 até 60 sessões para que se tenha um real resultado), o que se impossibilita no cenário econômico de muitas famílias e escolas.

Mas essa tecnologia demonstra que o corpo docente - principalmente do primário e de educação infantil - precisa despertar para os avanços na área de educação e da tecnologia de saúde para que possam de maneira efetiva utilizar os meios que já estão dispostos para facilitação do processo educativo de crianças e adolescentes autistas. Outro aspecto a ser explorado é o preconceito e a falta de compreensão por parte da sociedade em geral.

O autismo possui alguns padrões de comportamentos incomuns para um indivíduo neuro típico, como agressividade frente a estímulos exagerados, seletividade alimentar, dificuldade de comunicação assertiva no relacionamento social, e gestos repetitivos que auxiliam na autorregulação. Esses comportamentos podem ser interpretados incorretamente como rebeldia, desobediência ou lentidão - como no exemplo do TOD, visto acima - e decorrente disso ainda mais rejeição e exclusão.

Além disso, o conceito de que todas as pessoas autistas são iguais e possuem as mesmas estereotipias também é uma visão muito comum, e que acaba pré-julgando a capacidade particular de cada um, e limitando as expressões e características individuais.

Logo, quanto mais o assunto for divulgado no ambiente escolar, menos haverá espaço para o fomento de preconceitos. A expectativa é que por meio da constante abordagem do tema, os rótulos sejam desfeitos e contribuam para o maior respeito das pluralidades humanas, juntamente com práticas condizentes para que esse discurso se concretize na realidade.

CONCLUSÃO

Por fim, é fundamental destacar que a inclusão escolar de alunos autistas não é um processo fácil e que demanda esforços conjuntos de diferentes áreas, que deve ser enfrentada com continuidade, comprometimento e trabalho em equipe.

Dito isso o principal desafio da escola é, por meio da conscientização, capacitação do docente e recursos disponíveis incentivar a autonomia, conhecimento e independência desses estudantes promovendo a aprendizagem mútua, o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais, além de estimular a criatividade e a inovação, para crescerem cidadãos capazes de tomar suas próprias decisões e de relacionar-se com o mundo que os cerca. Assim, a colaboração de diferentes áreas, como saúde, educação e assistência social, além do envolvimento da família e da comunidade escolar como um todo, é essencial para garantir que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade e inclusiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). (2013). Diagnostic and statistical manual of mental disorders (DSM-5®). American Psychiatric Pub.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. DSM-5: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BAIO, J., WIGGS, L., CHRISTENSEN, D. L., MAENNER, M. J., DANIELS, J., WARREN, Z., ... &

DOWLING, N. F. (2018). Prevalence of autism

spectrum disorder among children aged 8 years—autism and developmental disabilities monitoring network, 11 sites, United States, 2014. MMWR Surveillance Summaries, 67(6), 1-23.

BAIO, J. et al. Prevalence of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years - Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2014. MMWR Surveillance Summaries, v. 67, n. 6, p. 1-23, 2018.

BAPTISTA, Claudio; BOSA, Cleonice (org.). Autismo e educação: atuais desafios. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 22-39.

BARON-COHEN, S. et al. Does the autistic child have a "theory of mind"? Cognition, v. 21, n. 1, p. 37-46, 1985.

BATTISTI, Aline Vasconcelo; HECK, Giomar Maria Poletto. A inclusão escolar de crianças com autismo na educação básica: teoria e prática. Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus de Chapecó, Curso de Pedagogia, 2017.

BARRETO, R. F. et al. Capacitação de educadores de apoio para a inclusão de alunos autistas: uma revisão integrativa da literatura. Revista de Educação Especial, v. 34, n. 68, p. 829-844, 2021.

BOSA, Cleonice Alves. Autismo: atuais interpretações para antigas observações. In: BAPTISTA, Claudio; BOSA, Cleonice (org.). Autismo e educação: atuais desafios. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 22-39.

BRASIL. Constituição Federal da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: . Acesso em: 28 mar. 2015.

CUNHA, M. M. et al. A inclusão de alunos com transtorno do espectro autista: estratégias para a adaptação à rotina escolar. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 24, n. 2, p. 223-234, 2018.

DUTRA, Claudia Pereira et al. Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília, jan. 2008. Disponível em: . Acesso em: 22 ago. 2014.

FAVA, D. D. A. (2019). A inclusão escolar do aluno autista: uma abordagem multidisciplinar. Revista Educação em Debate, 41(78), 86-95.

FARIAS, G. Capacitação de educadores para inclusão de alunos autistas: reflexões sobre práticas pedagógicas inclusivas. Revista de Educação Inclusiva, v. 3, n. 1, p. 67-81, 2019.

KANNER, L. (1943). Autistic disturbances of affective contact. Nervous Child, 2(3), 217-250.

KAVATHATZOPOULOS, I. BINIARI, M. (2020). Autistic Spectrum Disorder and the Role of Technology in Education. In: 2020 IEEE Global Engineering Education Conference (EDUCON). IEEE, pp. 947-951.

MELLO, A. M. C. (2007). Autismo: o que é, o que causa, como identificar, como tratar.

MILLER, L. J., ANZULEWICZ, D., & NOVAK, C. (2007). The impact of sensory processing disorders on communication and symbolic behavior in autism spectrum disorders. In Autism Spectrum Disorders (pp. 63-83).